

A MORADIA ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIA: PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL

UNIVERSITY STUDENT HOUSING: FORMAL AND INFORMAL EDUCATION PRACTICES

Letícia Pereira de Sousa **1**
Maria do Carmo de Lacerda Peixoto **2**

Resumo: Diante da expansão do ensino superior, resultante da implantação de políticas públicas de ampliação do acesso, as discussões sobre a democratização e permanência ganharam destaque, bem como o papel do Estado no desenvolvimento de políticas de assistência estudantil. Considerando as diferentes esferas de socialização nas quais os jovens se inserem, o presente artigo tem por objetivo analisar as práticas de educação formal e informal vivenciadas por estudantes universitários no âmbito das moradias estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A pesquisa, de caráter qualitativo, se caracteriza como um estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de entrevista, baseada no modelo teórico metodológico da “sociologia à escala individual” desenvolvido por Lahire (2004). O estudo das biografias destaca o efeito pedagógico e socializador em que os estudantes estão inseridos e as relações estabelecidas nas moradias estudantis como mobilizadoras, em maior ou menor grau, de aprendizagens que os integram ao ensino superior (COULON, 2008).

Palavras-chave: Moradia estudantil. Ensino superior. Práticas de educação.

Abstract: Given the expansion of higher education, resulting, in part, from the implementation of public policies to expand access, discussions about the democratization and permanence of students gained prominence. Considering the different spheres of socialization in which young people are inserted, this research aimed to analyze the formal and informal education practices experienced by university students in the scope of student housing at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The research is qualitative and is characterized as a case study. Data were collected through interviews, based on the methodological theoretical model of “sociology on an individual scale” developed by Lahire (2004). The study of the biographies highlight the socializing effect of the context in which students are inserted and the relationships established within the student housing as mobilizing, to a greater or lesser extent, their integration with higher education (COULON, 2008).

Keywords: Student housing. Higher education. Education practices.

Doutora em Educação pela UFMG, pedagoga da **1**
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5751944654322786>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1033-7662>.
E-mail: pedagogaleticia@gmail.com

Doutora em Educação, professora titular da Faculdade de Educação **2**
da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7537002374092832>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9960-707X>.
E-mail: mcarmolp@gmail.com

A Influência da Moradia Estudantil na Formação do Estudante

De acordo com a definição proposta por Brandão (2004), a educação não se constitui apenas por práticas de ensino institucionalizadas no âmbito escolar (educação formal). O termo “abrange todos os processos de formação do indivíduo” (BRANDÃO, 2004, p. 17). Assim, a troca de saberes se constitui em uma prática educativa, que pode ocorrer em diferentes ambientes (educação informal). Segundo o autor, “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender – e – ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver” (BRANDÃO, 2004, p. 7).

Larrosa (1999, p. 81) corrobora essa definição de educação informal ao destacar a existência de ambientes, nos quais as relações de ensino e aprendizagem são desprovidas de sistematização. Estes são denominados por ele como “espaços intersticiais”, onde os próprios sujeitos organizam internamente seus saberes e se tornam pessoas diferentes.

Reforça essa perspectiva a definição apresentada por Libâneo (2004, p. 31), na qual:

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas.

Considerando tais pressupostos é que as moradias estudantis são tomadas como ambientes de compartilhamento de novas experiências de vida, que podem influenciar no processo de afiliação e integração à vida acadêmica. Coulon (2008) propõe a noção de afiliação que constitui uma forma de socialização (positiva) à vida na universidade. Para ele, a chegada ao ensino superior requer do aluno o desenvolvimento do “ofício de estudante”, a compreensão das regras da instituição e o saber jogar com elas em seu benefício; ou seja, tornar-se um membro daquele novo grupo de convivência. Nessa perspectiva, o aluno precisa compreender os códigos da universidade, adaptar-se a esse novo contexto e assimilar a rotina da instituição. Tornar-se membro, conforme o autor, seria essencial para o sucesso acadêmico. Na presente pesquisa, o percurso de três universitários, apresentado por meio de retratos sociológicos, evidencia as relações entre as aprendizagens propiciadas no interior da moradia estudantil e a constituição do ofício de estudante.

A saída da casa dos pais em função do acesso ao ensino superior implica mudanças. Na visão de Galland (1995), a independência residencial aparece como critério importante para a vivência da vida estudantil. Os dados de sua pesquisa, realizada na França, mostram serem os estudantes residentes das moradias universitárias institucionais ou privadas mais extrovertidos e conectados ao mundo estudantil. Eles possuíam mais amigos estudantes em relação àqueles que moravam com os pais, vivenciavam práticas de sociabilidade de forma mais intensa e se inseriam mais fortemente no espaço urbano local.

No caso das moradias estudantis, desenvolver o sentimento de pertença ao grupo de residentes e estabelecer vínculos é um aspecto importante para a integração a esse novo ambiente. É preciso conciliar os interesses individuais e coletivos para o gerenciamento e utilização do espaço comum da Instituição e da moradia. Ao se deter sobre esses processos, a psicologia ambiental aponta para uma inter-relação entre comportamento e ambiente físico de modo bidirecional de forma que tanto o ambiente físico afeta o comportamento como este afeta o ambiente físico. Além disso, o contexto social pode estimular ou restringir comportamentos. A psicologia social volta-se sistematicamente para as causas do comportamento social humano, identificando as influências das pessoas sobre as crenças, sentimentos e comportamentos umas das outras. Conforme Delabrida (2014) comportamentos positivos tendem a ser desenvolvidos entre estudantes que convivem e interagem com colegas que já internalizaram esses comportamentos. A interação social pode melhorar o desempenho educacional. Nesse caso, as residências podem funcionar como uma extensão do ambiente de sala de aula e dar continuidade aos processos de aprendizagem.

A literatura norte-americana oferece contribuições significativas sobre a vivência nas

residências estudantis. A compreensão desse ambiente como espaço de aprendizagem, acadêmico, fomentador de experiências formativas que contribuem para a integração universitária difere bastante da concepção pragmática e assistencialista adotada no Brasil. Os programas de residência são tidos como elos capazes de cultivar oportunidades, desenvolver habilidades e promover a junção das aprendizagens de dentro e fora da sala de aula. Diante disso, diferentes pesquisas mostram a relação entre esses ambientes e o aumento do rendimento acadêmico, persistência no ensino superior, promoção da adaptação geral e social, e maior interação entre pares entre outros aspectos (WIESE, 2017; GARRIDO; MERCURI, 2013).

No levantamento realizado por Pascarella e Terenzini (1991) referente à produção americana sobre os impactos da universidade sobre os estudantes, os autores concluem que residir na moradia estudantil tem sido relacionado a uma série de aspectos positivos como: aumento de valores estéticos, culturais, intelectuais, sociais e políticos, orientação intelectual, desenvolvimento da autonomia, ganhos de empatia, tolerância, persistência em manter-se na universidade, envolvimento interpessoal, envolvimento em atividades extracurriculares e desempenho acadêmico. A atualização desse levantamento realizado em 2005 reitera esses achados, mas indica, ainda, que muitos desses ganhos podem se dar de forma indireta, relacionando-se diretamente ao nível de interação do estudante ao *campus* (PASCARELLA; TEREZINI 2005).

Posto isso o presente artigo se propõe a analisar as possibilidades pedagógicas do ambiente da moradia estudantil e suas repercussões sobre a integração dos estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para isso aborda elementos do contexto de ampliação do acesso ao ensino superior e o estabelecimento de políticas de assistência estudantil. Em seguida apresenta a singularidade do programa de moradia estudantil da UFOP e as experiências, aprendizagens e trocas vivenciadas em seu interior pelos estudantes pesquisados. Os dados foram analisados a partir das contribuições do campo da Sociologia da Educação sobre trajetórias acadêmicas, tendo como referencial, principalmente, os estudos de Lahire (2004) e Coulon (2008).

Ampliação do Acesso ao Ensino Superior e Condições de Permanência

Na vigência do regime militar que se encerrou em 1985, houve um crescimento significativo das instituições privadas de ensino superior. Posteriormente, o período do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) foi marcado também por uma nova expansão desse setor. Tal ampliação concentrou-se em regiões metropolitanas e foi possível mediante investimentos de capitais internacionais privados associado ao capital nacional. As parcerias possibilitaram a articulação de companhias e a formação de grandes grupos empresariais, os quais têm a educação como seu principal produto de mercado (PEIXOTO, 2017). Nesse contexto, o cenário dos anos de 1990 foi marcado pelo fortalecimento de políticas neoliberais, pelo contingenciamento de recursos para o ensino superior público e pelo sucateamento das universidades federais (BORGES; AQUINO, 2012).

Nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e de Dilma Rouseff (2011-2016), a ampliação da rede de ensino superior se manteve, contemplando os setores privados e sendo retomada também a expansão do ensino superior público. Todavia, para Ristoff (2014), há um diferencial em relação ao cenário anterior. Nesses governos, o projeto de expansão foi associado à ideia de democratização, tendo um conjunto de políticas de inclusão sido adotado.

A partir de 2003, teve início uma agenda de governo comprometida com a expansão e interiorização do ensino superior. Nesse contexto, um conjunto de políticas foi empreendido de modo a ampliar o acesso a esse nível de ensino tanto no setor público como no privado, na modalidade presencial e a distância (PEIXOTO, 2017). Entre as ações desenvolvidas, pode-se citar o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), que, embora criado em 2001, fortaleceu-se nos anos seguintes, o Programa Universidade para Todos (ProUni), a Universidade Aberta do Brasil (UAB), o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a implantação de Ações Afirmativas sob a forma de reserva de vagas nas instituições federais por meio da Lei nº 12.711/2012 (ampliada sua abrangência pela Lei nº 13.409, de 2016), a implantação do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), e o estabelecimento de um Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Ampliou-se assim, o número de instituições, de cursos, de vagas, de ingressantes, de

matrículas e de concluintes. De acordo com Ristoff (2014, 2016), esse conjunto de programas tem contribuído para alterar o perfil dos estudantes de graduação e do *campus* universitário brasileiro.

No contexto de expansão do ensino superior público, a transformação da política de governo, antes denominada *Plano* Nacional de Assistência Estudantil, em *Programa* Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), no ano de 2010, representou um grande passo para a consolidação de ações dessa natureza nas instituições de ensino superior. A aprovação do Decreto do PNAES, mesmo sendo esse um ato normativo secundário, representou uma conquista para a institucionalização de uma política nacional de assistência. O Programa tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal oferecendo ações em diferentes áreas como moradia, alimentação, atenção à saúde, esporte, cultura, entre outras.

Especificamente sobre as condições de moradia, no período em que foi feito o levantamento para a pesquisa¹, dentre as 63 Universidades apenas 41 dispunham, em sua infraestrutura, de alojamentos, totalizando 19.436 vagas. Apesar do número expressivo, as vagas oferecidas não atendem a demanda existente para esse tipo de assistência. Em 2017 a capacidade de atendimento era inferior a 2%, pois essas instituições federais de ensino superior (IFES) registravam 1.306.351 (um milhão, trezentos e seis mil, trezentos e cinquenta e um) alunos matriculados.

A infraestrutura disponibilizada e o formato de seleção dos estudantes diferem conforme cada instituição. Predominam prédios, nos quais os apartamentos possuem quartos compartilhados, sendo poucas as instituições que oferecem quartos individuais. Considerando a moradia como espaço de integração, dividir o quarto com um ou mais estudantes pode levar ao estabelecimento de vínculos de amizade e troca de informações acadêmicas, ao mesmo tempo em que dificulta as possibilidades do exercício de momentos de privacidade.

A partir do mapeamento das vagas de moradias disponibilizadas pelas universidades federais uma se destaca frente às demais. Na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) parte das vagas das residências é destinada às Repúblicas Federais e ocupadas independente de avaliação socioeconômica, conforme abordado a seguir.

A Singularidade das Moradias Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto

A cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica, exerceu importante papel na economia e história brasileira, principalmente no período conhecido como Ciclo do Ouro. Em 1823 a Vila foi elevada a capital da Província de Minas Gerais, sendo designada como Imperial Cidade de Ouro Preto.

A importância dessa cidade se refletiu também no campo educacional e em 1839 foi criada a Escola de Farmácia. Anos depois, em 1876, foi criada a Escola de Minas, primeira instituição brasileira dedicada ao ensino de mineração, metalurgia e geologia (CARVALHO, 1978). A criação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) se deu quase cem anos depois, em 1969 a partir da junção de ambas as escolas e do Instituto de Ciências Humanas de Mariana pertencente até então a Universidade Católica de Minas Gerais². Atualmente a UFOP concentra *campi* nas cidades de Ouro Preto, Mariana e João Monlevade.

O programa de moradia estudantil desenvolvido pela UFOP é único quando comparado aos oferecidos pelas demais universidades federais do País. Existem diferentes modalidades de moradia e, em função disso, diferentes regulamentações quanto aos direitos e deveres dos residentes. A variedade de tipos aliada as diferentes formas de gestão institucional deste espaço, aponta para a singularidade do programa de moradia desenvolvido pela UFOP, como se verá a seguir. Atualmente são oferecidas 1.212 vagas distribuídas conforme o quadro I.

1 As instituições contempladas no levantamento foram aquelas participantes do Censo da Educação Superior no ano de 2017. O acesso aos sites das universidades foi realizado nos anos de 2018 e 2019.

2 Decreto-Lei Nº 778 de 21 de agosto de 1969. Autoriza o funcionamento da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e dá outras providências. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0778.html. Acesso em: 01 mai. 2017.

Quadro 1: Vagas das moradias estudantis da UFOP

| Cidade | Nome | Descrição | Avaliação socioeconômica para ingresso? | Número de vagas | Soma |
|------------|---------------------|--|---|-----------------|--------------|
| Mariana | Conjunto I | 7 casas com 10 quartos, sendo 8 individuais e 02 duplos | Sim | 84 | 204 |
| | Conjunto II | 4 casas com 09 quartos duplos e 4 apartamentos com 06 quartos duplos | Sim | 120 | |
| Ouro Preto | Vila Universitária | 4 casas com 9 quartos duplos e 4 casas com 12 quartos duplos | Sim | 120 | 1.008 |
| | Apartamento | Dois blocos, cada um com 12 apartamentos de dois quartos duplos | Sim | 96 | |
| | Repúblicas Federais | 59 casas, com descrições distintas | Não | 792 | |
| | | | | TOTAL | 1.212 |

Fonte: organizado pelas pesquisadoras.

De acordo com as recomendações do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), a maioria das ações desenvolvidas pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da UFOP, tem como público alvo estudantes egressos de escola pública com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo e meio. Apenas uma vertente do Programa de Moradia Estudantil não se enquadra nesses critérios, visto que nas Repúblicas Federais da cidade de Ouro Preto, não há avaliação socioeconômica institucional como acontece para a distribuição das vagas das demais moradias institucionais. As vagas são ocupadas por estudantes que, após um período de convivência experimental com os veteranos, tem validado ou não o direito de permanência na casa. Esse período é denominado como Batalha.

Dentre as 1.212 vagas destinadas à moradia, 792 são designadas às Repúblicas Federais, o que representa 65,3% do total. Tal fato gera grande debate na universidade e comunidade externa, com opiniões divergentes entre os defensores da tradição das Repúblicas Federais e de sua autonomia de gestão e seleção de novos moradores e os que defendem que a seleção deveria ser pautada em editais com critérios de renda.

Em 2020 permanecem ativas 59 dessas repúblicas. Ocupam prédios pertencentes a UFOP e que são cedidos aos estudantes como moradia universitária. As repúblicas estão localizadas no entorno do *Campus Morro do Cruzeiro* em Ouro Preto (18 repúblicas) e no centro histórico da cidade (41 repúblicas). Cada casa é autogerida pelo grupo de moradores, possui regimento próprio, com processos de admissão diferenciados e sem intervenção institucional. Os imóveis possuem estrutura distinta com capacidade de abrigar entre oito e 26 estudantes em quartos individuais e coletivos.

As Práticas de Educação Formal e Informal na Moradia Estudantil: Os retratos sociológicos

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, se caracteriza como um estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de entrevista, baseada no modelo teórico metodológico da “sociologia à escala individual” desenvolvido por Lahire (2004). Os três retratos sociológicos foram construídos a partir das simbolizações e vivências da experiência escolar e acadêmica dos estudantes pesquisados, com especial atenção às relações estabelecidas no ensino superior e na moradia estudantil. Os percursos se distinguem tanto pelo formato de moradia a que tiveram acesso os estudantes como pelo seu próprio pertencimento social, com disposições distintas de valorização da educação formal

e informal.

Os estudantes entrevistados foram escolhidos a partir dos dados do questionário – encaminhado a todos os residentes das moradias da UFOP – considerando o conteúdo das respostas, sua relação com os propósitos da pesquisa e a marcação na última questão do formulário, assinalando o desejo em participar da segunda fase da pesquisa caracterizada por entrevistas. Foram priorizados os estudantes que já haviam *cursado no mínimo quatro períodos dos cursos*. O estabelecimento desse tempo de permanência na instituição tinha por pressuposto uma vivência mínima na Universidade e na moradia universitária, que possibilitasse ao estudante relatar com propriedade suas percepções sobre ambos os espaços. Além disso, considerando o conceito de disposição (LAHIRE, 2004) como produto incorporado de uma socialização cotidiana, sistemática e de longa duração, a relação entre o reforço ou enfraquecimento de disposições com as condições de moradia só poderia ser evidenciada em percursos de estudantes com maior número de períodos cursados.

Os temas definidos para a entrevista foram: a) família, abordando escolarização e profissão de membros do grupo nuclear; b) trajetória escolar, tipo de estabelecimento frequentado, desempenho e participação da família no processo de escolarização; c) ensino superior, preparação e ingresso a esse nível de ensino, escolha do curso e instituição, e rendimento acadêmico; e d) moradia estudantil, conhecimento prévio do programa, acesso e adaptação ao ambiente, relacionamento interpessoal com os demais residentes e relação moradia e desempenho acadêmico. As entrevistas aconteceram em ambiente escolhido pelos estudantes³, quando possível, na moradia estudantil, para que além das descrições apresentadas, pudessem se somar a elas as observações sobre aquele ambiente.

Conjunto I (Carla): A moradia estudantil como rede de apoio acadêmico e financeiro

No momento da entrevista, a estudante tinha 24 anos e cursava o último período do curso de Pedagogia. É natural de uma cidade no norte de Minas Gerais. Quanto à origem social, é filha de uma diarista, que possui o ensino médio incompleto e não conheceu o pai. Foi criada pela avó materna, com quem residiu até os 12 anos de idade. A avó não tem instrução escolar. Os relatos da estudante evidenciam a influência da irmã mais velha sobre seu processo de escolarização, sobretudo para o ingresso no ensino superior. Exemplo disso foi a efetivação da inscrição para que Carla realizasse a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como treineira no segundo ano do ensino médio.

Anterior à sua chegada a UFOP, Carla havia sido aprovada no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alfenas e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A essa altura, a estudante tinha apenas 17 anos o que, somando-se à distância das cidades em relação à casa familiar e a reportagens que lera sobre as condições das moradias estudantis do Rio de Janeiro, contribuiu para que a mãe não permitisse a efetivação de sua matrícula nas duas instituições. Observa-se, nesse caso, que o baixo capital escolar e social dessa mãe, proveniente das camadas populares e sem outros exemplos em que pudesse se apoiar, impediram-na de compreender e valorizar a conquista da filha – egressa de escola pública e aprovada em duas instituições federais de ensino superior.

Diante dessa desilusão, Carla ingressa no mercado de trabalho e interrompe por dois anos o projeto de formação superior. Foi quando a irmã efetivou por ela a inscrição no ENEM. Posteriormente, de posse da nota, lançou o resultado no SiSU. Todavia, não para o curso de Ciências Biológicas, como na primeira aprovação, mas sim para Pedagogia na UFOP.

Após sua aprovação, Carla saiu do emprego e foi para a cidade de Mariana cursar Pedagogia. Inicialmente, foi recebida na casa de uma amiga da tia. Contudo, o bairro onde se localizava a casa era distante do *campus* universitário. Sem condições de arcar com o transporte público diário, tinha de fazer todo o trajeto a pé: “No início, eu morava longe. Então, eu tinha que vir pra cá [Universidade] andando... Aí, eu fiquei meio desgostosa. Eu demorei a me encontrar no curso e encontrar amigas”.

³ Para a captura do áudio, foi utilizado o aplicativo gratuito denominado “Gravador de Voz Avançado”, disponível para *download* na loja de aplicativos do celular.

Além disso, “Começou a ter um desentendimento meu com a família [com a qual residia], porque é uma família muito grande, e uma pessoa a mais estava fazendo diferença na casa”.

Essa reconstrução permite observar como as condições de moradia se configuram como circunstância atuante no processo de chegada e adaptação do estudante ao ensino superior. Carla relaciona suas condições de moradia provisória a um desgaste de três tipos: físico, devido ao deslocamento diário; psicológico, nas relações com a família que a recebia; e social e acadêmico, pois não conseguia participar de atividades extracurriculares que aconteciam após a aula e, conseqüentemente, estreitar vínculos de amizade, pois tinha de fazer o trajeto de retorno para casa.

Chegou a pensar em desistir do curso devido às dificuldades de subsistência. Foi quando uma colega de turma, residente da moradia estudantil (Conjunto I) acolheu Carla e outro estudante em seu próprio quarto até que a avaliação socioeconômica do setor de assistência estudantil fosse efetivada e eles tivessem acesso às condições necessárias para sua permanência. Esse período durou entre dois a três meses. Após esse prazo, Carla conseguiu, a partir do resultado da avaliação socioeconômica institucional, uma vaga em outra moradia estudantil.

De acordo com os relatos, a colega que a acolheu na moradia foi uma figura significativa para a superação do período de adaptação. Por ter cursado Letras anteriormente na UFOP, já havia residido nas moradias e conhecia os programas oferecidos pelo setor de assistência estudantil. Além disso, ajudou Carla a construir a consciência sobre o direito de permanecer e ocupar o espaço tanto do ensino superior como das moradias. Durante o período da vivência compartilhada, ela também influenciou Carla no desenvolvimento de uma postura ativa de manifestação da sua opinião, de participação em sala de aula e, ainda, da participação política nos espaços de representatividade estudantil e demais órgãos colegiados, como, por exemplo, DCE, Centro Acadêmico e Comitê Permanente de Moradia Estudantil.

Fato relevante para a superação do tempo do estranhamento (COULON, 2008) foram os posicionamentos dos colegas da moradia tanto no âmbito social como no cognitivo: “Sempre tinha alguém com o ponto de vista diferente me ajudando a entender, a enxergar, dialogando comigo. Alguma amiga de Letras revisando o trabalho e me ensinando: ‘Olha, é assim que faz’”.

Carla destaca o fato de ser egressa de escola pública e com lacunas em sua formação básica, associado às preocupações relacionadas à sua subsistência, como elementos que interferiram significativamente para seu desempenho acadêmico mediano.

Ao falar da vivência na moradia coletiva, Carla destaca a experiência para sua construção pessoal e desenvolvimento de laços de amizade e solidariedade, bem como aprender a respeitar as diferenças, a ouvir as opiniões diferentes, a debater, a apresentar seus pontos de vista. Ressalta, também, a importância das discussões sobre aspectos ligados à raça, cor e etnia, que a auxiliaram no processo de construção de sua identidade racial, porque apesar de ter pessoas negras na família, por ter um tom de pele mais claro, até a chegada à Universidade não se autodeclarava como negra.

Carla destaca que se beneficiou dessa rede de amizade e solidariedade encontrada na moradia estudantil em diferentes momentos tanto pela demora no recebimento dos auxílios da assistência estudantil como pelos atrasos no pagamento da bolsa do Programa de Educação Tutorial (PET). Relata que, sem o apoio dos colegas de casa, não teria condições de permanecer na Instituição, pois não contava com recursos familiares para sua manutenção na cidade. Durante as entrevistas, ela revela que tinha receio de expor as dificuldades de ordem financeira à mãe ou a outro familiar: “Se eu falasse isso era perigoso algumas pessoas falarem pra eu voltar pra casa”.

Observa-se, nesse caso, o estabelecimento de uma rede de apoio entre os próprios estudantes. Todos avaliados como de baixa renda, mas sensíveis a situações de um colega de residência que se encontrasse em piores condições, compartilhando o pouco que tinham entre si. Essa rede possibilitou a Carla e a outros colegas permanecer na Universidade em momentos em que a burocracia institucional se colocou como um entrave para o recebimento dos auxílios.

Na falta dos subsídios familiares e institucionais, e diante de adversidades, os residentes estabeleceram um programa interno de trocas e ajudas, que possibilitaram a estudante ultrapassar momentos de dificuldade financeira de forma menos dura. Os residentes se juntavam diariamente para discutir diferentes temáticas e compartilhar informações relacionadas à Universidade, como, por exemplo, abertura de editais de pesquisa e estágios, havendo, inclusive, auxílios e correções

das atividades acadêmicas uns dos outros. Nesse caso, o círculo de amigos residentes na moradia é caracterizado pela valorização da esfera acadêmica com o exercício de práticas que favorecem o bom desempenho.

Por fim, o percurso de Carla revela que a integração social, nos moldes propostos por Tinto (1975), ou seja, relativa às atividades extracurriculares e interações de natureza socializadora, especialmente aquelas experienciadas na moradia estudantil, assumiram um papel ativo para a sua integração acadêmica. Nesse sentido, “níveis altos de integração acadêmica e social reforçam os objetivos e o nível de dedicação do estudante relativamente ao curso e à instituição” (COSTA *et al.*, 2014, p. 14). Assim, apesar do aproveitamento mediano e das reprovações em algumas disciplinas que levaram ao prolongamento do percurso acadêmico, Carla se afiliou ao curso e à Instituição, contando, principalmente, com o apoio dos colegas de moradia.

Apartamentos (Paula): As sessões de estudo dentro da moradia estudantil e a religião como suporte no período de adaptação

Natural da cidade de Pedralva, no Sul de Minas Gerais, tinha 22 anos na época de realização da entrevista e cursava o 6º período de Farmácia. Mesmo proveniente de uma família com poucos recursos escolares e econômicos, recebeu incentivos familiares para o prosseguimento dos estudos. Os pais estudaram até a 4ª série do ensino fundamental e, desde criança, trabalharam em colheitas de café, abundantes na região de domicílio, ofício também desempenhado pelos avós maternos e paternos.

Paula é a mais nova de uma família de três filhas. A frequência ao ensino superior não constitui uma exceção no quadro da família nuclear. A irmã mais velha se formou em Administração e a do meio, em Farmácia, exercendo influência sobre a escolha do curso por Paula. As irmãs estudaram na cidade de origem em uma instituição privada e tiveram o apoio do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). O acesso ao ensino superior representa uma ruptura com o ciclo de reprodução social vivenciado por gerações dessa família. Contrariando o trajeto comumente trilhado nesse meio, os pais mantiveram as três filhas longe do trabalho com a terra, o que possibilitou a elas a dedicação exclusiva aos estudos. Assim, apesar da baixa escolaridade dos pais, houve a inculcação de um *habitus* escolar, que se revelou estável e eficaz no caso das três filhas.

O percurso escolar ao longo da educação básica foi realizado integralmente em escola pública e caracterizado por bons resultados, sem histórico de reprovação ou interrupções. Havia uma vigilância severa dos pais, e principalmente da mãe, no que se refere à assiduidade e cumprimento das tarefas escolares.

A preparação para a prova do ENEM se deu durante um ano em um cursinho comunitário oferecido pela Universidade Federal de Itajubá. Paula já vinha realizando as provas do ENEM desde o primeiro ano do ensino médio. No término do terceiro ano, já familiarizada com a prova e com as regras do jogo do SiSU, foi aprovada em sua segunda opção: Farmácia.

A escolha pela UFOP aparece em seu discurso como uma providência divina, algo que foge a um planejamento prévio, mas que, pela surpresa positiva, só poderia ser explicado por uma ação de Deus em sua vida. Desconhecia a cidade, a antiguidade do curso, o mais antigo do País, e nem mesmo a distância entre Ouro Preto e Pedralva.

Um mês após a matrícula, com o início das aulas se aproximando a estudante não havia retornado à cidade de Ouro Preto e nem se organizado em relação às condições de moradia. A essa altura, reencontrou uma garota de Itajubá, cidade onde fez o cursinho, que estudava em Ouro Preto e residia em uma república federal. Ao entrar em contato com ela, foi convidada a residir nessa república: “Só que eu não tinha vindo visitar. Só vi foto. Conheci as meninas pela internet. E aí decidi morar junto com elas. E no dia da mudança, a gente veio junto. Meu pai trouxe toda a mudança minha e as coisas dela”.

Fruto de uma escolha aleatória e sem maiores informações sobre a tradição das repúblicas federais, Paula desconhecia totalmente as práticas da cultura estudantil de Ouro Preto, sobretudo das repúblicas. Foi informada, ao longo do trajeto para a cidade, sobre o processo de escolha ao qual teria de se submeter. O estranhamento de Paula teve início antes mesmo de chegar à república. Como caloura da casa passaria a ser responsável por uma série de atividades domésticas, se submeter as orientações das moradoras veteranas e participar de práticas de sociabilidade.

Ao chegar na casa a estudante sentiu que não possuía as características necessárias para sua integração com esse grupo. Sozinha, em uma cidade desconhecida, sem familiares ou conhecidos com quem pudesse compartilhar suas impressões sobre a república, Paula buscou apoio junto a uma rede que já conhecia bem: a igreja católica. Na manhã seguinte de sua chegada, procurou pela igreja e, diante do carisma do padre que conduzia a celebração, se sentiu à vontade para conversar com ele após a missa e expor sua situação. O padre colocou Paula em contato com uma senhora que desejava encontrar uma jovem para residir com ela, pois se sentia muito sozinha.

Paula residiu com essa senhora por dois meses e pagava as contas de água e energia, que não chegavam a 1/3 do que pagaria na república. A saída da casa dos pais foi impactante. Deixar a zona rural onde residia e ficar longe da família causou sofrimento. Houve uma ruptura com o passado de cuidado familiar e a descoberta de uma nova relação com o saber, no qual as regras diferem da educação básica e obrigam a estudante a desenvolver uma postura mais ativa na resolução de seus problemas pessoais e acadêmicos.

Somados a isso, os percalços iniciais em relação às condições de moradia foram fatores desmobilizantes. A diferença geracional entre ela e a senhora que a acolheu tornava difícil o compartilhamento de fatos do cotidiano da Universidade. Segundo Coulon (2008, p. 107), ser um estudante universitário implica, além de frequentar as aulas e responder às tarefas intelectuais, “se vincular, dialogar, realizar atividades com os outros estudantes que permitam a eles reconhecer que enfrentam os mesmos problemas, utilizam as mesmas expressões e partilham o mesmo mundo”.

A essa altura, Paula foi selecionada no edital das moradias socioeconômicas e conseguiu uma vaga nos apartamentos. O apartamento onde Paula foi sorteada coincidentemente era ocupado por uma colega do curso de Farmácia, uma de Nutrição e outra de Ciência e Tecnologia de Alimentos. Elas cursavam, juntas, disciplinas consideradas do ciclo básico e passaram a estudar de forma coletiva. Conseguiram estabelecer boas relações de convivência, o que supriu a lacuna que Paula sentia em relação ao compartilhamento de acontecimentos do universo acadêmico e possibilitou o desenvolvimento de um grupo de estudos dentro da própria residência. As relações construídas na moradia extrapolam a convivência cotidiana pela divisão do espaço. As residentes se organizaram de forma a auxiliarem umas às outras em relação às demandas acadêmicas. Elas compartilham suas vivências: “A gente sai. A gente tira um dia e fica conversando no quarto. A gente faz caminhada juntas também. Todo mundo aqui quer vir para o apartamento, pergunta se aqui tem vaga, porque eles sabem que aqui é tranquilo”.

A falta de conhecimento prévio de Paula sobre os usos e costumes da cultura estudantil das repúblicas, causou surpresa logo no primeiro dia. Não foi preciso mais tempo para que a estudante constataste ser aquele local distante do perfil de moradia que buscava. Residir por dois meses com a senhora indicada pelo padre foi essencial como recurso imediato para saída da república, mas Paula sentia falta de encontrar no ambiente de casa pessoas com quem pudesse compartilhar aspectos da vida acadêmica. A seleção para residir no apartamento junto a estudantes da área da Saúde repercutiu sobre seu desempenho acadêmico. As moradoras tinham objetivos próximos, primavam pela dedicação à Universidade, organizavam sessões de estudo, trocavam materiais de trabalho e se apoiavam mutuamente, prezando por boas relações de convivência.

Paula não se identificou com as práticas de lazer da maioria dos estudantes, caracterizadas pelas saídas noturnas em festas e bares, e assumiu plenamente o ofício de estudante mediante autodisciplina e hábito de estudo sistemático. Seu trajeto no ensino superior tem como referência a inserção em contextos sociais favoráveis e articulados com seu projeto de escolarização: a moradia estudantil e a igreja. Assim, como nos casos identificados por Caetano *et al.* (2014), as estratégias familiares voltadas para a educação, o apoio e estabilidade das redes de sociabilidade a que teve acesso, junto aos seus objetivos formativos, são fatores em articulação e que configuram seu percurso acadêmico rumo à efetiva afiliação intelectual (COULON, 2008).

República Federal (Henrique): Um projeto de aprendizagem paralelo, a supervalorização das sociabilidades na república estudantil

Henrique é natural da cidade de Varginha. Quando respondeu ao questionário da pesquisa,

cursava as disciplinas finais do curso de Engenharia de Controle e Automação. No momento da entrevista, com 27 anos, tinha colado grau, e daria início às atividades laborais em uma empresa em Belo Horizonte. Desde o primeiro contato, demonstrou interesse em participar da pesquisa, aspecto reforçado em diferentes momentos da entrevista quando demonstrou satisfação em poder falar das experiências de vivência na república federal. Henrique se mostrou à vontade mesmo diante de questões que expunham aspectos negativos dessa experiência.

É proveniente de uma família com bons recursos econômicos, tendo os pais formação de nível superior, ambos servidores públicos. As condições econômicas favoráveis permitiram a Henrique a frequência em escolas privadas desde a Educação Infantil até a conclusão do Ensino Fundamental, bem como o suporte financeiro ao longo de todo o percurso acadêmico. A formação escolar de qualidade possibilitou sua aprovação, sem utilização de curso preparatório, no processo seletivo para ingresso no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), *Campus Varginha*, onde cursou o ensino médio e o curso Técnico de Informática Industrial.

Após a conclusão do ensino médio no Centro Federal, então com 18 anos, Henrique foi servir ao Exército. Era algo desejado mesmo que significasse postergar o acesso ao ensino superior. Após o período de serviço militar e diante das constantes orientações da mãe, matriculou-se em um curso preparatório para o ENEM e se dedicou durante um ano para a realização da prova.

A dedicação na preparação para a prova do ENEM teve como resultado a aprovação no curso de Ciência da Computação na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Duas semanas após a matrícula na UFSJ, foi aprovado também na UFOP, optando então por esta universidade. Henrique já conhecia a cidade de Ouro Preto, seis meses antes da prova do ENEM, fora convidado para a festa de formatura do irmão de um amigo. Ficaram hospedados em uma república federal e participaram de todas as comemorações relacionadas à diplomação.

A chegada à república federal da UFOP é marcada por descobertas e aprendizagens. O período de Batalha exige do estudante a passagem por diferentes testes de persistência e obediência às normas da casa. Henrique afirma ter sofrido durante esse período, principalmente porque ele antecedeu uma grande campanha institucional para minimizar os trotes na Universidade e nas repúblicas. Durante a batalha naquela república, os calouros ficavam responsáveis por tarefas básicas de cuidado com a casa, como, por exemplo, abrir as janelas, fazer o café e molhar a grama. Para Henrique, é preciso aprender a viver em sociedade, aprender como a casa funciona, para que, após a escolha como morador, possam ser atribuídas tarefas mais complexas e de maior responsabilidade, como a gestão financeira do dinheiro arrecadado com festas, como o Carnaval, tarefa que desempenhou.

Na UFOP há um esforço intencional para a socialização entre os residentes das repúblicas. A participação em eventos e festas é algo valorizado. Inclusive, nos eventos que contam com a participação de ex-residentes, conversar e fazê-los se sentirem integrados ao ambiente da casa, ou seja, promover a socialização entre as diferentes gerações de moradores é algo realizado de forma proposital.

Henrique se refere aos colegas de república como irmãos. Em vários momentos, denomina o grupo como família, o que demonstra a intensidade dos laços construídos nesse espaço. Ao longo de seus relatos, afirma que, a partir do segundo período, os colegas assumiram o papel, antes desempenhado pela mãe, de acompanhar os dilemas e frustrações relacionados à vida acadêmica. A proximidade das experiências vividas, tanto na república como na Universidade, reforçou a cumplicidade entre os estudantes. As trocas entre os colegas de casa auxiliaram Henrique no período de adaptação, no qual a compreensão do volume de trabalho e as novas formas de relação com os docentes ainda causavam estranheza: “A república sempre vai estar ali para te ensinar alguma coisa, a sair da zona de conforto e entrar na zona de aprendizado. Não é fácil, porque você lida com coisas que você não está acostumado”.

No percurso houve uma valorização consciente das atividades extra-acadêmicas relacionadas à moradia, à dimensão da socialização e ao convívio coletivo em detrimento de um bom desempenho: “Eu preferi muito mais a república e o social. Eu deixei de lado a Universidade, porque o sistema era... Eu precisava demais desenvolver o meu lado social”. Nesse caso, a moradia representa um importante contexto de socialização e ressocialização para o estudante. Sobre isso, Couto *et al.* (2014) pontuam que o grupo de amigos pode tanto funcionar como um mecanismo

de desenvolvimento de relações positivas com a escolarização, como atuar em sentido contrário, promovendo e reforçando relações de distanciamento e resistência ao ensino formal.

O tempo dedicado às tarefas e eventos da república concorria com o tempo de estudo e restringia a possibilidade de participação em outras atividades acadêmicas para além das aulas. O desenvolvimento do ofício de estudante foi alcançado, mas de forma gradual devido à imersão no universo da república.

Ao longo de seu percurso acadêmico, filiou-se à república penalizando nos primeiros semestres seu desempenho acadêmico. Atribuiu pouco significado às notas e resultados medianos, concentrando-se na aquisição de experiências de vida e fruição do convívio social. Houve grande valorização da dimensão simbólica relacionada à identidade republicana, por isso priorizou os processos de iniciação e comprometeu-se com os ritos da casa em nome de sua aprovação como membro. A vida universitária, relegada a segundo plano, só recebeu a atenção do estudante a partir do terceiro ano de UFOP quando ele se sentia “um ser humano melhor, que tinha se desenvolvido republicanamente”.

Durante a entrevista, Henrique retomou aspectos dos usos, práticas e costumes da vida estudantil nas repúblicas como uma espécie de escola da vida, na qual se tem um desenvolvimento social, cognitivo e moral, e que deveria ser proporcionado a toda comunidade estudantil. A vivência na república daria o traquejo para vida, desenvolveria a empatia para com o outro e teria reflexos em outros âmbitos da vida. A lembrança por meio do discurso permite verificar que as sociabilidades proporcionadas pela vivência em comunidade foi fator importante para o desenvolvimento pessoal: “Aprendi a conversar, aprendi a ver o outro lado das coisas, aprendi a me colocar nas situações, aprendi a ter empatia pelo próximo”. A utilização recorrente do verbo aprender, na primeira pessoa do singular, marca a percepção do estudante sobre as potencialidades da vivência coletiva e os efeitos das redes de relações desenvolvidas no ambiente da moradia estudantil.

Algo semelhante foi verificado por Sousa e Sousa (2009) com os residentes da Casa do Estudante no estado de Goiás. Os autores exaltam a moradia estudantil como local educativo e apresentam a experiência de residência coletiva como uma qualidade, algo diferente frente àqueles que não passaram por tal vivência.

Considerações Finais

As condições de moradia se diferem para cada estudante pesquisado tanto em relação à infraestrutura como nas práticas de convivência e socialização vividas em cada casa. A depender dessas relações e das normas sobre a utilização dos espaços, foram evidenciadas repercussões variadas sobre o percurso do estudante na Instituição. O estudo das biografias construídas na presente pesquisa tem o condão de revelar a existência de fatores de outra ordem além daqueles relacionados às origens sociais. Os percursos evidenciam o efeito pedagógico e socializador do contexto em que os estudantes estão inseridos e das relações estabelecidas no interior das moradias estudantis como mobilizadoras ou não de sua integração ao ensino superior.

As universidades, além de espaços de ensino e aprendizagem, podem ser tomadas como centros privilegiados de reconfiguração das sociabilidades estudantis. A formação de um grupo de trabalho em que sejam realizadas trocas, esclarecimento de dúvidas e circulação de materiais pode induzir uma melhor ligação do estudante à Universidade (COSTA *et al*, 2014). Nesse sentido, os estudantes residentes em determinadas moradias conseguem extrapolar o caráter funcional de vivência coletiva imposta pelas condições financeiras (no caso das moradias socioeconômicas) ou por livre-arbítrio (como nas repúblicas federais da UFOP) em “espaços intersticiais” que ampliam sua motivação em permanecer na Instituição mesmo diante de percalços (LARROSA, 1999). A participação associativa a essas e outras comunidades estudantis pode fomentar uma relação mais próxima com a Instituição. A centralidade da dimensão relacional nos percursos estudantis é também evidenciada por outros estudos (COULON, 2008; GARRIDO, 2012).

A análise dos retratos sociológicos dá visibilidade aos efeitos das condições de moradia universitária sobre o percurso dos estudantes. Evidenciam ações e vivências internas que propiciam o aprimoramento ou o desenvolvimento de disposições de valorização do sucesso acadêmico e de outras habilidades sociais. Isso acontece a partir da convivência e de trocas espontâneas, em muitos

casos, sem uma intencionalidade específica. Ao longo das entrevistas, os estudantes demonstraram surpresa ao destacarem as aprendizagens formais e informais que vivenciavam no ambiente da moradia. Parece, a partir das falas, que estavam tomando consciência do aspecto educativo dessa vivência. Assim, as condições de moradia estudantil e as relações desenvolvidas em seu interior são evidenciadas como elemento importante para a compreensão dos percursos dos estudantes pesquisados.

O ambiente da moradia pode ser propício ao desenvolvimento de práticas sociais e culturais que não foram inculcadas no ambiente familiar, como também contribuir para a aceitação ou aprimoramento daquelas que foram promovidas nesse ambiente. Nesse sentido, de acordo com Caetano *et al.* (2014, p. 151), os patrimônios individuais de disposições “são incorporados ao longo do tempo pelos indivíduos, através de uma multiplicidade de contextos e de relações plurissocializadoras, e são ativados (ou não), dependendo de conjugações diversas e sempre contextuais de fatores”. Dessa forma, os patrimônios disposicionais são permanentemente atualizados nos diferentes contextos em que os sujeitos se relacionam.

Os dados mostram que, mesmo que de forma não intencional, determinadas moradias prezam por práticas educativas. Os estudantes trocam informações sobre suas vivências universitárias e promovem um ambiente no qual há o compartilhamento e acompanhamento do percurso acadêmico uns dos outros, promovendo espaços intersticiais de formação no interior das residências, caracterizando-as como ambientes mais ou menos educógenos (LARROSA, 1999; CASTRO, 1976). Nesse sentido, além do caráter assistencial, importante e necessário para permanência dos estudantes de camadas populares no ensino superior, as moradias estudantis podem ser consideradas espaços em potencial para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidade, formais e informais, que podem contribuir para sua integração ao curso e à universidade.

Referências

BERGER, J. **Students' sense of community in residence halls, social integration, and firstyear persistence.** *Journal of College Student Development*, Sept./Oct. 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. **Lei nº 13.409**, de 29 de agosto de 2016. Altera a Lei nº12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, 2016.

BRASIL. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, e dá outras providências. Brasília: 2012.

BORGES, Maria Célia; AQUINO, Orlando Fernandez. Educação superior no Brasil e as políticas de expansão de vagas do REUNI: avanços e controvérsias. **Educação: Teoria e Prática**, v. 22, n. 39, p. 117-138, jan./abr. 2012.

CAETANO, Ana; ESTEVE, Denise; LEÃO, Tânia; RODRIGUES, Vanessa. Percursos focados na educação e com inflexões. In: COSTA, António Firmino; LOPES, João Teixeira; CAETANO, Ana (Orgs.). **Percursos de estudantes no ensino superior: fatores e processos de sucesso e insucesso.** Lisboa: Mundos Sociais, 2014, p. 125-150.

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória.** Rio de Janeiro: FINEP, 1978.

CASTRO, C de M. **Desenvolvimento econômico, educação e educabilidade.** Rio de Janeiro, 1976.

COSTA, António Firmino da; LOPES, João Teixeira; CAETANO, Ana; RODRIGUES, Eduardo Alexandre. Um modelo teórico e metodológico. Análise do sucesso, insucesso e abandono no ensino superior. In: COSTA, António Firmino; LOPES, João Teixeira; CAETANO, Ana (Orgs.). **Percursos de estudantes**

no ensino superior: fatores e processos de sucesso e insucesso. Lisboa: Mundos Sociais, 2014, p. 125-150.

COULON, Alain. A condição de estudante: A entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

COUTO, Ana Isabel; EGREJA, Catarina; FERREIRA, Jorge Horta; COELHO, Sandra Lima. Percursos tendenciais e de contratendência. In: COSTA, António Firmino; LOPES, João Teixeira; CAETANO, Ana (Orgs.). **Percursos de estudantes no ensino superior:** fatores e processos de sucesso e insucesso. Lisboa: Mundos Sociais, 2014, p.95-124.

DELABRIDA, Z. N. C. **Variáveis individuais,** sociais e do ambiente físico em residências universitárias. Psico.(3), 10-20, 2014.

GALLAND, Olivier. **Le monde des étudiants.** Paris, 1995.

GARRIDO, Edleusa Nery; MERCURI, Elizabeth Nogueira Gomes da Silva. **A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 87-95, jan./jun. 2013.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **O campo do conhecimento pedagógico e a identidade profissional do pedagogo,** In: _____. Pedagogia e pedagogos, para quê? 6.ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 25-41.

PASCARELLA, E. T. e TERENCEZINI, P. T. **How college Affects Students:** findings and insights from twenty years of research. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.

PASCARELLA, E. T. e TERENCEZINI, P. T. **How College Affects Students:** a third decade of research. 2ª edição. San Francisco: Jossey-Bass, vol. 2, 2005.

PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. **Democratização e desigualdades na educação superior:** o caso do Brasil. Universidades. UDUAL. México. núm. 74, outubro-diciembre, 2017.

RISTOFF, Dilvo Ilvo. **O novo perfil do campus brasileiro:** uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. Avaliação, Campinas: Unicamp, v. 19, p. 723-747, 2014.

SOUSA, Livia Mesquita de; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. **Significado e sentido das Casas Estudantis e a dialética da inclusão-exclusão.** Psicologia, Ciência e Profissão, 2009, p.4-17.

TINTO, Vincent. **Dropout from higher education:** a theoretical synthesis of recent research. Review of Educational Research, Washington, v. 45, n. 1, p. 89-125, Winter 1975.

WIESE, Ricardo Socas; ZIN, Joana Pinotti; SILVA, Eduarda Beatriz Valandro da; ZIMERMANN, Karine Grasel. **Moradia Estudantil:** Território da Coletividade. XVII ENAPUR, São Paulo, 2017.